



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete Vereador Eliseu Gabriel

PROJETO DE LEI Nº

Autoriza a criação do Parque do Bexiga José Celso Martinez Corrêa e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta:

Art. 1º Fica, o poder executivo municipal, autorizado a criar o Parque do Bexiga José Celso Martinez Corrêa, na área localizada na Rua Jaceguaí, 548, Bixiga, CEP 01315-010, na Subprefeitura da Sé.

Art. 2º Para a consecução dos objetivos da presente lei fica, o poder executivo municipal, autorizado a promover a desapropriação da área.

Art. 3º As despesas com a execução desta Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 4º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões,

Eliseu Gabriel
Vereador Líder do PSB

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO****Gabinete Vereador Eliseu Gabriel****JUSTIFICATIVA**

Trata-se, a área em questão, de terreno particular localizada em área nobre da capital e que está hoje ocupada como estacionamento de veículo além de servir como ferro velho, com aspecto de área degradada não contribui em nada para os projetos de melhoria do centro, razão pela qual propomos a instalação ali de um parque municipal o que, além de contribuir para a melhoria arquitetônica do centro, servirá como pulmão verde para melhoria também da qualidade do ar, notadamente por se tratar de uma região com grande fluxo de veículos.

Quanto ao homenageado, *José Celso Martinez Corrêa*, mais conhecido como o Rei do Teatro, lutou por mais de 30 anos para ver na área em comento ocupada por um parque, nada mais justo que seu nome seja dado ao parque.

José Celso Martinez Corrêa (Araraquara, São Paulo, 1937 - São Paulo, São Paulo, 2023). Diretor, autor e ator. Destacado encenador desde a década de 1960, inquieto e irreverente, líder do Teatro Oficina. Nos anos 1970, influenciado pelas experiências da contracultura, ganha destaque como importante expoente da comunidade teatral e com montagens de criações coletivas. Sua presença e atuação contribui com a história do teatro nacional, influenciando gerações.

Estuda na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e participa do Centro Acadêmico 11 de Agosto, integrando o núcleo de estudantes que funda o Grupo de Teatro Amador Oficina. Seus primeiros textos, *Vento Forte para Papagaio Subir* (1958) e *A Incubadeira* (1959), ambos autobiográficos, são montados pela companhia sob direção de Amir Haddad (1937).

Em 1962, o grupo passa por um processo de profissionalização e dedica-se a montagens realistas como *Todo Anjo é Terrível*, da dramaturga norte-americana Ketti Frings (1909-1981), adaptado do romance autobiográfico do escritor Thomas Wolfe (1900-1938), e, no ano seguinte, *Pequenos Burgueses*, do dramaturgo russo Máximo Gorki (1868-1936), com enorme repercussão. O diretor consegue estabelecer um interessante paralelo entre as perplexidades da Rússia pré-revolucionária e as de um Brasil às vésperas do golpe civil-militar, levando todo o elenco a desempenhos emocionantes. Segundo alguns críticos, é a mais perfeita encenação stanislavskiana¹ do teatro brasileiro.

Após o golpe civil-militar (1964), o grupo amplia sua pesquisa cênica a partir de uma perspectiva política. Sua primeira resposta à nova situação é *Andorra*, do escritor suíço Max Frisch (1911-1991), exibida ainda em 1964. O texto trata de questões ligadas ao antissemitismo pós Segunda Guerra (1939-1945), mas serve ao Oficina como metáfora para firmar posição contra a perseguição e violência do regime autoritário brasileiro. A encenação se mostra crua e despojada e, paradoxalmente, entremeada de momentos líricos. O espetáculo marca a transição do trabalho de Zé Celso do realismo do dramaturgo russo Stanislavski (1863-1938), presente na construção dos personagens, para o

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO*****Gabinete Vereador Eliseu Gabriel***

teatro épico do dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956), cuja referência se apresenta na postura crítica da encenação, mesmo que ainda tímida.

O diretor viaja à Europa ainda em 1964 e aprofunda seus estudos das teorias do dramaturgo alemão, enquanto o Oficina excursiona pelo Uruguai. De volta ao Brasil em 1966, Zé Celso inicia os ensaios de *Os Inimigos*, também de Gorki. O resultado da montagem apresenta-se estimulante, inquieto e polêmico. Zé Celso não abre mão dos temas políticos, mas propõe uma nova abordagem estética para o período.

Em 1967, abre-se uma possibilidade poética e teatral a Zé Celso: a antológica montagem de *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade (1890-1954). O texto, escrito na década de 1930, chega a ser considerado impossível de ser colocado em cena, tal sua verborragia anárquica e seu espírito transgressor. Mas encaixa-se perfeitamente como voz do movimento de rebeldia latente no final da década de 1960. O processo de montagem abarca um profundo mergulho em textos contemporâneos da arte de vanguarda. A direção, juntamente com a equipe, elabora uma proposta teórica de releitura da postura estética das esquerdas, através de algo intrinsecamente brasileiro. *O Rei da Vela* propõe uma escritura cênica paródica e violenta, grotescamente estilizada, que busca inspiração em diferentes estilos, concretizando um teatro antropofágico. A realização ganha uma posição de liderança na Tropicália, e Zé Celso se estabelece como figura chave do movimento no Teatro.

Incendiando o ambiente teatral em 1968, Zé Celso dirige *Roda Viva*, de Chico Buarque (1944), no Rio de Janeiro, sua primeira experiência fora do Oficina. Tomando o texto de Chico Buarque em torno da vida de um ídolo da canção popular que é manipulado pela imprensa e indústria fonográfica, Zé Celso estiliza um ritual raivoso e provocador, no qual os atores vão à plateia incitá-la fisicamente.

Considerada emblemática do "teatro agressivo" pelo crítico Anatol Rosenfeld (1912-1973), a montagem reflete um momento em que o teatro assume um tom violento, de confronto, de cobrança de atitudes ante a uma situação sociopolítica tensa e de forte censura. Já a montagem seguinte do Oficina, *Galileu Galilei*, de Brecht, é um retorno à valorização da razão, da palavra e do pensamento. A direção estimula o coro de jovens intérpretes a improvisações constantes, numa pesquisa de novas possibilidades de relação com o público, em paralelo a outras cenas, que seguem seu fluxo normal, relegadas a uma posição secundária. Trata-se do primeiro passo em direção à busca de um teatro sensório e irracional, que ganha força na década seguinte.

A partir de 1970, depois de um intercâmbio de workshops entre o Oficina, o grupo norte-americano The Living Theater e o argentino Lobos, Zé Celso conceitua suas mais recentes experimentações em um movimento chamado pelo grupo de te-ato, e não mais teatro. Trata-se de uma atuação ritual através de atos concretos, que propõe uma transformação da relação palco-plateia, marcada pela influência do dramaturgo Antonin Artaud (1896-1948).

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO****Gabinete Vereador Eliseu Gabriel**

Após se dedicar à edição do filme de *O Rei da Vela*, isolado da classe teatral e tentando novos rumos artísticos, transforma o grupo na comunidade Oficina-Samba e lança, em 1974, um documento à opinião pública intitulado S.O.S. Pouco depois, é detido e torturado. Solto após 20 dias, parte para o exílio em Portugal, acompanhado de integrantes do Oficina-Samba, e apresenta espetáculos, além de dirigir o documentário *O Parto*, sobre a Revolução dos Cravos (1974). No ano seguinte, viaja para Moçambique, onde realiza o filme 25, sobre a independência daquele país.

Em 1978, volta para São Paulo e implementa múltiplos projetos, em que mistura novas linguagens na tentativa de reacender o grupo, agora Associação Teatro Uzyna Uzona.

Nos anos 1980, dedica-se à pesquisa cênica e à construção de oficinas ministradas no espaço do Teatro Oficina. Em 1991, Zé Celso retoma a cena em *As Boas*, de Jean Genet (1910-1986), em que atua ao lado de Raul Cortez (1931-2006) e Marcelo Drummond (1962), seu novo companheiro de trabalho, que o acompanha nas décadas seguintes, dividindo a gestão da nova fase do grupo.

Sob a liderança de Zé Celso, o grupo segue suas atividades ao longo das décadas de 2000 e 2010, aprofundando as pesquisas em trabalhos que seguem a proposta de releitura dos textos originais, em benefício da incorporação de material autobiográfico, dos integrantes ou do próprio Oficina, a partir do momento político e social do país, em um movimento denominado pelo grupo de Antropofagia Orgiástica ou uma Tragicomédiaorgya, além de releituras de peças já apresentadas e adaptadas à realidade político-social de seu tempo, como *O Rei da Vela* (2017). A peça se mantém fiel à montagem original, mas amplia a crítica política para as referências da nova época. Em 2019, *Roda Viva* também é remontada, mantendo a crítica política e cultural à luz dos novos tempos.

Zé Celso é um dos mais importantes intelectuais e lideranças do teatro brasileiro, com grande influência também em outras áreas artísticas, como o cinema. Com carreira longa e em constante evolução, sem receio de experimentações, exerce uma construção cênica que provoca atores e públicos, além de ter a realidade política e social do país sempre como norte de seus trabalhos. (fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br)

Com este intuito, conto com o apoio de meus nobres pares para a aprovação do presente Projeto de Lei.

Sala das Sessões,

Eliseu Gabriel
Vereador Líder do PSB



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

Gabinete Vereador Eliseu Gabriel

